

# Construindo o espaço psíquico: uma experiência clínica

Rosa Raposo Albé<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Este trabalho aborda as questões teóricas e técnicas ligadas às vicissitudes da constituição do espaço psíquico, despertadas pelos pacientes que não fizeram a diferenciação eu/não eu nem a barreira entre o Inconsciente e o Pré-Consciente/Consciente. Estão, portanto, diante da ameaça de invasão pelas forças internas e externas, pela ausência do objeto ou por sua excessiva presença, ficando expostos às angústias primitivas, à ameaça de aniquilamento e à confusão identitária, na permanente urgência de construir ou consolidar a própria identidade e a alteridade. Esse quadro se apresenta em uma história clínica, evidenciando a imensa dificuldade de vivenciar um relacionamento, somado ao fato de que tudo isso só poderia ser enfrentado e trabalhado por meio de um relacionamento. O trabalho aborda pacientes-limite e a patologia da transicionalidade.

**Palavras-chave:** Paradoxo; limites; invasão; transicionalidade.

René Roussillon (1999b) nos traz uma vinheta etológica:

Quando se quer cativar um golfinho e criar uma aliança com ele, procede-se por vezes assim. A boca do golfinho é armada de uma carreira de dentes afiados que cortariam um braço facilmente. O, treinador de golfinho coloca nessa boca, oferece a esta boca, uma parte investida de sua anatomia corporal: seu braço, sua mão. Se por sorte ou por razão interativa – intersubjetiva seria muito ousado? – o golfinho não fecha a boca sobre o braço assim oferecido, então a sequência de aproximação pode prosseguir. O golfinho se inverte e expõe seu ventre, a parte mais vulnerável de seu corpo. O treinador pousa sua mão sobre esse ventre por

---

1. Psicanalista, membro efetivo da APERJ – Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro.

sua vez oferecido. Se ele não comete nenhuma agressão contra a anatomia assim exposta e tornada vulnerável, então a aliança se faz, o golfinho está cativado, ele poderá aprender a brincar com o homem, com confiança. (p. 159)

Nossa primeira entrevista foi longa e ele falou muito abertamente sobre sua vida e suas questões. Senti que tínhamos feito um bom contato e parecia que tínhamos estabelecido uma boa relação. Apesar disso, esse trabalho se caracterizou, inicialmente, pelas ausências do paciente. Desde o início, ele faltou muito. Ele vinha quase que uma vez por mês e, muitas vezes, porque eu ligava para ele.

Achei que a relação poderia não ir adiante, mas o primeiro contato tinha sido forte o suficiente para que eu acreditasse nele e eu confiava no que tinha vivido. E como ele faltava, mas não terminava, eu ligava para ele porque eu não ia desistir e nem terminar por ele. Aí ele vinha, embora muito atrasado sempre. E valorizava muito a análise. Mas faltava muito a seguir e isso parecia atacar a relação e o que poderíamos fazer ali. Ficamos assim um ano e meio.

É um homem, em torno de 40 anos, que chegou dizendo que sua vida deu errado. Em seu trabalho e casamento, dizia que tudo veio abaixo. Teve um filho que vive com a mulher. É muito bonito e atraente, com grande desenvoltura. Relatou uma vida sexual que parecia ser a área através da qual se ligava à vida, em que vivia e tentava resolver seus conflitos e ansiedades ligadas a falhas na estruturação de seu ego e identidade. Sua vida afetiva, trabalho e outros interesses estavam em segundo plano. Em tempos passados, fez muito uso de drogas e parou, com exceção da maconha.

O pai morreu quando criança e, na adolescência, sua mãe casou de novo. Segundo suas palavras, o padrasto e a própria mãe eram fracos, no sentido de que não podiam segurá-lo; nenhum dos dois parecia ter sido uma referência estruturante para ele. A referência identificatória mais importante era um parente, homem forte que enfrentava e resolvia os problemas, e ele o admirava por isso – mas ele vivia distante, em outro estado. Por outro lado, a sociedade, as pessoas importantes, as normas e mesmo a etiqueta eram prezadas e respeitadas por ele, mas não sabia como afirmar seu lugar aí dentro.

Na adolescência, sentia-se muito inseguro, achando-se muito desajeitado. Não quis continuar a estudar e não havia quem o obrigasse. Não me lembro de nenhuma referência a amigos ou grupos na adolescência. Pareceu-me muito solitário e dizia que, nessa época, fazia experiências matando bichos para ver como eram por dentro. Refere-se aos animais que matava, chamando a atenção para isso e estranhando esse comportamento. Entendi o que me dizia como tentativas

concretas e angustiadas de contatar e acessar a vida perdida dentro de si mesmo. A intensidade de suas atuações e brigas era grave e perigosa. Ele vivia agindo ou descarregando, desconectado de sua subjetividade.

Uma vez, conheceu uma moça com quem teve uma relação amorosa profunda, dizendo que viviam “drogados de amor”. Já em análise, quando vem a constituir uma nova relação, retoma o uso da cocaína.

Nessa primeira entrevista, depois de relatar a violência e agressão em que viveu sua vida, levando-o ao término de seu casamento, diz que foi para longe, pensou em tudo que tinha vivido e chorou muito pensando no filho.

Pareceu-me uma pessoa verdadeira e senti que tínhamos estabelecido um bom contato. Senti, nessa primeira entrevista, que a comunicação se dava em dois níveis: falava abertamente sobre sua vida, mas me testava para saber se eu poderia ter com ele um contato direto e espontâneo (fazendo perguntas e observando minhas reações), sem me defender disso atrás da psicanálise ou do lugar de analista. Propus que trabalhássemos quatro vezes por semana, mas fizemos o contrato a partir de sua contraproposta de três vezes por semana.

## **Primeira fase**

Faltou muito no primeiro ano e meio. Deve ter vindo a um número de sessões entre 20 e 30, e, mesmo assim, chegava nos últimos minutos. Eu pouco podia fazer e muito menos falar. Apesar das faltas, referia-se a sua necessidade de ajuda e, quando vinha, eu o sentia interessado.

Na medida em que suas faltas eram prolongadas e eu chegava a pensar que ele poderia ter abandonado a análise sem me avisar, eu lhe telefonava. Eu precisava saber se devia esperar, se ainda havia uma relação, ou o que estava acontecendo. Ele atendia ao telefone e eu admitia que ele não quisesse mais, mas ele nem me deixava falar, dizendo-me logo e imediatamente que viria da próxima vez, o que de fato acontecia. Fui percebendo que suas faltas não eram um desejo de interromper, mas seu modo de funcionamento. Eu ligava quando ele me fazia viver essa dúvida, sem saber se ainda existia vínculo ou se ele tinha sido destruído. Esse risco era permanente. Por outro lado, parecia que ele precisava que eu “ligasse para ele” para poder vir.

Para chegar até ele, eu tinha que passar por muitas telefonistas. Isso tinha a ver com as necessidades de seu escritório e, também, com a importância, grandeza e superioridade que precisava demonstrar. Ele me fez viver essa situação de procurá-lo e eu fiz isso. Foi ficando claro que eu vivia o que ele

tinha medo de viver. Essa situação expressava o medo de ser aquele que procura e quer aproximar-se de alguém que está em um nível superior ou de difícil acesso, lugar de um ideal inatingível, diante de quem ele não ousava ou podia apresentar-se, sem se sentir muito diminuído.

Qualquer tentativa no sentido de forçar a minha fala, aumentava seu afastamento. Aceitei o lugar que me dava, o lugar de uma pessoa imobilizada. Ele vinha praticamente uma vez por mês, e nos últimos 20 ou 10 minutos. De vez em quando, uma sessão inteira, para depois sumir. Mas, quando eu ligava, ele vinha a seguir. Aceitar essa imobilidade e distância queria dizer que eu não precisava sair dessa condição de imobilidade. A distância e as faltas eram o espaço que ele precisava. Era uma situação muito nova para mim e aceitei vivê-la como ela se apresentava, para ver aonde chegaríamos.

Aos poucos, senti estar entrando em uma experiência paradoxal, vendo que minha imobilidade viabilizava a relação e colocava-a em movimento. Aceitar essa imobilidade queria dizer aceitar os limites que ele precisava estabelecer e ser só o que ele precisava e o que ele permitia. Havia um paradoxo no fato de que o que eu devia dar era aceitar não dar (É difícil viver esse lugar pelo receio de ser cobrada exatamente porque nada parece acontecer). Como diz Winnicott (1975), as situações paradoxais estão ligadas à transicionalidade e devem ser vividas e suportadas enquanto tais, porque têm a função de manter a continuidade de ser, isto é, evitar ameaças de ruptura.

O lugar de analista supõe e autoriza a sua fala, e o fato de que eu pudesse falar o que ele não podia ou não queria ouvir o assustava muito. Temia ser invadido e engolfado por mim e por seus sentimentos e impulsos. Durante um tempo, percebi que, quando eu lhe dizia “até amanhã”, ele reiniciava as faltas, colocando-se fora do meu alcance, afirmando sua autonomia e independência e testando minha possibilidade de suportá-las. Mas o que me parecia prioritário é que ele não tinha defesas organizadas que lhe permitissem lidar comigo e consigo mesmo, e seu único refúgio e defesa era distanciar-se concreta e geograficamente. Era seu receio de não ser capaz de opor resistência que o levava a afastar-se.

Tudo nele era muito intenso e, se eu lhe dizia algo que o tocasse mais profundamente, se a sessão era boa, era certo que ele faltaria muitas sessões. Ele controlava e dosava minha influência e a influência do que eu pudesse dizer sobre ele. Era uma questão econômica, de sustentação interna. Quando não há recursos verdadeiros para opor resistência, quando os limites entre o dentro e o fora, o eu e o não-eu não estão bem estabelecidos, o paciente busca e necessita

uma estrutura e uma identidade, e faz análise porque, não podendo prescindir desses limites e fronteiras, tem que constituí-los na relação analítica.

O “*setting*” não determina apenas as condições de um espaço de trabalho, ele modifica a economia dos limites. O encerramento (*clôture*) que ele instaura, coloca em tensão, no seu seio, os limites entre analisando e analista. Ele obriga o analisando a reestruturar sua identidade que a intensidade das trocas ameaça e a vigiar constantemente as fronteiras de sua psique contra a invasão interna (pelas pulsões) ou externa (pelo objeto), sendo as duas, às vezes, confundidas por ele. (Green, 1990, p. 300, tradução nossa)

Ele já sabia de sua inconsistência, e nosso trabalho, nessa época, evitando um sentimento de desmoronamento, foi um trabalho de dosagem. Andar rápido demais poderia levá-lo a abandonar o tratamento ou a deixá-lo insuportavelmente desvalorizado e culpado diante de suas falhas, fugas ou incapacidades, o que não facilitaria nada.

Era um homem refinado e cioso da boa educação, sensível e delicado, podendo ser, ao mesmo tempo, extremamente impulsivo e violento. Na relação comigo, ele parecia não saber como se aproximar. Ele explicitou o que sentia quando falou de uma moça que tinha conhecido: “eu disse a ela que queria muito ficar com ela, mas agora não, não posso ainda”. Ele tinha se valido de um falso *self* (Winnicott, 1983), construído a partir do efetivo sucesso que tinha com as mulheres e através de modelos que conhecia de bom desempenho masculino para aparentar uma desenvoltura que não se sustentava diante das exigências de seu trabalho, compromissos e relações.

Não só sua sedução, mas também sua violência, eram muito importantes para ele, porque eram os momentos em que se sentia ativo, forte e potente. Pelas discussões ou situações arriscadas em que se metia, pensei, muitas vezes, que ele poderia morrer e eu contava apenas com o fato de ele ter chegado até ali.

Na realidade, até então ele me parecia não ter uma consistência de ego que mediasse coisa alguma, afastando-se ou reagindo em curto-circuito de forma violenta. O afastamento funcionava como única barreira entre ele e ele mesmo e entre ele e o outro. Por causa disso, era necessária uma relação na qual se pudesse constituir um espaço, com a função de continência para suas angústias de diferentes níveis, que lhe permitisse lidar com o que vinha de dentro ou de fora sem ter que fazer o que sempre fizera, isto é, fugir ou atuar diante do que pudesse constituir uma invasão desorganizadora ou desestruturante.

Ele tinha sido um filho único mimado certamente, mas ele não tinha tido uma pessoa com essa função de continência que o tivesse ajudado a metabolizar o mundo externo e o interno, possibilitando a representação das experiências que vivia. No caso dele, o distanciamento geográfico e a constituição de um espaço (que eu não invadia) entre nós permitiu que ele relaxasse. A internalização desse espaço e sua constituição como espaço psíquico só pode se dar em uma relação.

Esse primeiro tempo de faltas exigiu muito de mim. Tive de elaborar a permanente ameaça de abandono da relação para entender e aceitar que essa questão sempre pendente devia ser, em seu mundo afetivo, um elemento tão importante quanto insuportável. Pensei que isso deveria corresponder à forma como viveu a relação com a mãe e com o pai, como ausência, falta de referências e continência que pudessem dar conta dos sentimentos de desamparo, rejeição, ódio e medo de aniquilamento que a ausência e o abandono despertam. A excessiva ausência fez do vazio o conteúdo de seu mundo interno e disso ele se defendia como podia. Ele enchia sua vida com experiências intensas.

Para mim, foi difícil um investimento tão solitário por tanto tempo. Mas, apesar de seu afastamento e retraimento, decidi confiar na relação que, em breves momentos, senti que tínhamos estabelecido, e vivi o risco de investir no vazio, achando que podia ter menos medo disso que ele. Nossa relação era até intensa, mas tão diluída no tempo que podia levar à desesperança, à perda de sentido, ao desligamento. Foi ficando claro que as faltas e atrasos não eram apenas uma relação que não começava ou sua resistência a ela, mas eram sua forma e possibilidade de me dizer o que tinha se passado com ele. Eram o seu conteúdo mais profundo e parte importante do que ele tinha para contar e sua forma de contar, na medida em que ele me fazia viver o que ele não sabia que tinha vivido (Roussillon, 1999c).

Penso que esse tipo de paciente demanda do analista uma elaboração permanente de sua contratransferência e de seu narcisismo, sempre postos à prova. O analista pode lançar mão de interpretações ligadas à inveja e à competição, à pulsão de morte que ataca o vínculo e o objeto e, muitas vezes, por cansaço, desânimo e raiva, somos tentados a fazê-lo, inadequadamente, por não ser essa, no momento, a questão prioritária. Essas interpretações supõem a diferenciação eu/não eu, o que não tinha acontecido ainda. Era evidente o ataque ao vínculo, bem como a destrutividade em suas relações, mas o mais importante era perguntar se ele poderia fazer diferente.

As ameaças de desmoronamento, transbordamento ou invasão são sempre prioridade, porque o que está em jogo é uma ameaça de morte ou de perda da autonomia – o que, mais profundamente, é inegociável para o ser humano. Quem passa por cima disso, pode fazê-lo apenas como falso *self*. A falta da experiência de ser e de se constituir pessoa diferenciada é uma hemorragia permanente.

Depois de passado esse período de faltas (um ano e meio aproximadamente), ele se referiu a uma namorada que tinha ficado com ele, perguntando: “Por que ela fez isso, por gostar de mim ou pelo quê?”. Esta pergunta marca uma mudança importante, porque era o momento em que ele se dava conta de mim e que eu o havia acompanhado e ainda estava lá. Diferente do que tinha acontecido com seu casamento, tínhamos sobrevivido. Winnicott (1975) afirma que o acesso à realidade externa se dá pela sobrevivência do objeto à destrutividade. Em seu artigo sobre “O uso do objeto”, ele esclarece que “quando usa a palavra destruição ela se relaciona ao fracasso do objeto em sobreviver. Diz que a palavra destruição é necessária não por causa do impulso do bebê a destruir, mas devido à susceptibilidade do objeto a não sobreviver” (p. 129).

A partir daí, foi possível, dentro de mim, a experiência, a continência e a representação de suas angústias e horrores, bem como de sua destrutividade. O processo de representação desses horrores se deu pela elaboração da contra-transferência da analista. Sempre achei que tentar enquadrá-lo, fazendo-o vir sem faltar, implicava um sério risco de interromper a relação e poderia ser uma forma de impedi-lo de contar sua história, à sua maneira. Essa parte importante de sua história, ele contava pelo negativo.

O trabalho com esse paciente foi para mim difícil, também porque o que normalmente faria parte de uma análise clássica (aquela que eu conhecia na época) não me parecia aplicar-se ao caso, já que eu não interpretava a transferência e nem a resistência que, em um certo sentido, ao contrário, eu esperava que se constituísse. Como já foi dito, não havia ego nem pré-consciente consolidados, e eu própria achava que suas faltas e atrasos tinham essa função de espaço e preservação, etapa prévia de um espaço interno. Esperei que ele fosse tão longe quanto precisasse para começar a fazer a experiência de vir. Ele precisava poder faltar para poder vir verdadeiramente.

Mais tarde, ficaram mais claras as diferenças da resistência de um neurótico diante de seu conflito intrapsíquico e a resistência de um paciente que luta pela defesa e constituição de suas fronteiras, por sua autonomia e alteridade, e que, por isso, resiste à transferência e à relação consigo mesmo e com o outro.

## Segunda fase

Saindo do retraimento e da evitação, retomou seu trabalho e buscou suprir suas falhas e alienação. Entrava em momentos de pavor, no confronto com suas responsabilidades, com o despreparo e o abandono que tinha feito de si mesmo.

Propôs então que passássemos a quatro vezes por semana.

Paralela à relação que começou consigo mesmo, o paciente inicia uma relação com uma mulher que se tornou, aos poucos, uma relação estável. Até então, era o “fodedor” que manipulava as mulheres e tinha que provar seu poder de sedução, alimento de sua autoestima. Com essa relação, se restabeleceu o uso de drogas, mais especificamente da cocaína. Passou a ser fiel pela primeira vez, o que lhe parecia muito importante.

## A relação comigo

Diz Winnicott (1975) que o mais importante do objeto transicional não é seu valor simbólico, mas sim sua realidade. Para esse paciente, importava a pessoa real que eu era. Não sou um objeto interno, tampouco um objeto externo.

Toda e qualquer interpretação transferencial era recebida com estranheza. Dizia que confiava em mim e, nesse sentido, eu era uma pessoa externa e reconhecida por ele como alguém que o ajudava. A interpretação transferencial era vivida por ele como algo do mundo da psicanálise que ele não sentia que dizia respeito a ele. Reconhecer-me como objeto externo não queria dizer ser capaz de ver-me como alguém que tem vida própria, separada dele, porque ele ainda não tinha feito essa conquista. Além disso, isso implicaria a possibilidade de perder o controle da relação.

Sou uma pessoa objetiva, subjetivamente concebida (Winnicott, 1975), na medida em que o processo de diferenciação não estava consolidado. Eu existia para ele na medida de suas necessidades, e a confiança de que eu não iria sair dos limites que me impunha (minha imobilidade) fez com que ele progressivamente pudesse se mexer e sair da sua própria imobilidade, fazendo a experiência de ser e não apenas a de se defender. A minha aceitação da imobilidade que ele impunha liberou-o da ameaça intensa de invasão por interpretações traumatizantes, desestruturantes (que desmascarassem o falso *self*), ou que mobilizassem uma intensidade de sentimentos e excitação acima de sua capacidade de continência e metabolização. O reconhecimento de minha autonomia e independência escancarariam uma diferenciação que não estava

feita internamente e deveria poder contar com o processo analítico para processar-se em seu ritmo pessoal.

É a isso que se refere Winnicott (1975) quando diz que, na saúde, o objeto é criado, e isto quer dizer que deve haver espaço, na relação, para que esse objeto não impeça nem anule esse ato criador, precisando afirmar uma existência independente, impondo uma diferenciação de fora para dentro. Esse espaço, chamado por Winnicott (1975) de espaço transicional, é aquele que permite que a criança faça o gesto espontâneo de criar o objeto, inaugurando uma relação pessoal com o mundo.

A diferenciação externamente precipitada desperta a ameaça de perda do objeto, por um lado, ou a ameaça de ter de entrar em uma relação que se apresenta como uma relação de poder persecutória, na medida em que fica exposto o estado de impotência e dependência da criança ou do paciente diante de um outro super poderoso.

Com o tempo, dispensou o encastelamento e começou a aproximar-se e não só de mim. Foi ao Maracanã (estádio de futebol) pela primeira vez, disse que tinha comido arroz com feijão, foi ao supermercado comprar um produto que faltava e saiu para dar uma volta no calçadão da praia para, segundo suas palavras, ver as pessoas de perto. Esses foram movimentos pessoais e vividos como tais, e nos quais pôde sair da grandiosidade em que vivia para uma relação espontânea com o cotidiano e com a vida, nada tendo a ver com as ações e atuações de antes.

Foi conquistando seu lugar, saindo para falar com as pessoas onde elas se encontravam, sentindo-se mais à vontade para frequentar os lugares que sempre frequentou. Sempre era o último a chegar a qualquer evento e, tenso, era obrigado a tomar tranquilizantes. Também em sua vida profissional vai expandindo seus movimentos.

Depois da primeira fase de faltas, manteve relativa assiduidade, mas passou a vir armado para a sessão. Nesse momento, o revólver expressava mais um desejo de afirmação de força e potência do que impulsos agressivos comigo. Tendo tido um “pai” fraco, estava ligado também ao desejo de aproximar-se da figura de um parente que em sua adolescência, muito o impressionou e fascinou por ser pessoa destemida que andava de revólver e enfrentava qualquer dificuldade. Mostrava-me seu revólver querendo impressionar-me, querendo ver se eu sentiria por ele a mesma fascinação e admiração. Esse homem era exigentíssimo em matéria de trabalho e sempre se sentiu pequeno e diminuído diante dele, sem poder alcançá-lo.

Nunca fiz qualquer observação restritiva em relação ao revólver. Eu não me sentia ameaçada e nem sentia que isso ameaçava o *setting*. Nesse momento, o revólver fazia parte de sua busca externa de uma identidade ativa e masculina.

Precisava manter de si uma imagem que lhe permitisse investir nele mesmo e, para abrir mão daquela que tinha, ele precisava acreditar que poderia construir outra. Apesar de armado, ele estava em uma relação amiga comigo, afirmando que o revólver era lá para fora. Eu acreditava no que eu sentia e não quis introduzir o medo (que eu não sentia) ou a desconfiança. Era eu que tinha que confiar e, mais importante no momento, era a possibilidade de estar desarmada com ele. Eu tinha que confiar no que eu pensava e sentia e precisava ter liberdade para isso.

Eu compreendia essa situação com o conceito de clivagem (Freud, 1915/1996), em que o mau fica fora, o que permite uma experiência de boa relação comigo e consigo mesmo. O paradoxal é que a violência seria minha se forçasse o rompimento dessa clivagem. Eu sempre achei que, mais tarde, esse revólver poderia aparecer agressivamente na transferência, mas aí eu veria como lidar com a situação.

Os pacientes-limite estão sempre criando situações em que ficam questionados os limites da psicanálise em seus aspectos teóricos e técnicos e, sobretudo, os limites do analista. Eles precisam testar a liberdade e independência do analista na relação com a psicanálise e também com o meio psicanalítico e precisam senti-lo como pessoa.

Ele me obrigava a dar limites. Na época em que faltava, ele tentou mandar um funcionário seu para fazer o pagamento. Eu disse que não podia aceitar, porque senti que introduzir outra pessoa e deixar que se distanciasse, privilegiando o pagamento em vez de a nossa relação, (isso eu senti que) era uma ameaça à nossa relação. Em outras vezes, ele chegava exatamente no fim da sessão e eu lhe dizia gentilmente “você chegou no fim, até amanhã”.

Como na citação inicial do golfinho, eu tinha de viver, antes dele, aquilo que para ele poderia constituir uma ameaça. Mas a ameaça maior não estava ligada ao revólver, e sim a experimentar o medo do abandono e do vazio e o imenso risco de confiar e investir em uma relação que pudesse não ter nenhum valor para o outro. Eu que fizesse isso antes dele. Se eu pudesse suportar essa dor e esse pavor, arriscasse e ousasse confiar, continuando a investir, ele poderia aprender com isso, fazendo uso dessa relação e do que vivíamos dentro dela.

Confrontei os curtos-circuitos de violência e modelos de força com sua dificuldade para ser agressivo quando era necessário afirmar-se nas suas relações, trabalho e vida. A certa altura, por ele mesmo, começa a questionar o fato de andar armado em todos os lugares, achando-se criança, infantil mesmo, menino com o revólver na cintura. Passa a andar desarmado, concluindo que sua afirmação como homem não era por aí. Ele sintetiza tudo isso dizendo: “eu era um blefe”.

## Sobre seu desejo e perversão

Uma das frases que usava para falar sobre sua sexualidade era: “o que os outros pensam ou apenas desejam ou guardam no seu subconsciente, EU FAÇO”. Mostrava com isso sua necessidade de estar acima da censura das pessoas normais, pretendendo ter uma sexualidade mais livre do que os outros.

Há uma marcada divisão entre sua vida durante a semana e o fim de semana, quando entrava, como dizia, no mundo da fantasia. Nos fins de semana, suas noites de perversão e drogas são uma forma de acessar fantasias e desejos que normalmente não se permitia viver. Ele dizia que fazia fantasias homossexuais masculinas e femininas que o angustiavam e dizia também que queria chegar ao amor.

Não usava drogas durante a semana, mas vivia o que chamava de “maratona de drogas”, que durava o fim de semana inteiro; às vezes, cheirava por 36 ou 48 horas sem parar. Tinha a fantasia de que não havia o que pudesse ser imaginado por alguém que já não tivesse feito (sexualmente); não havia nenhum buraco, nenhum espaço que não tivesse preenchido.

Do ponto de vista edípico, dessa maneira, mantinha sob controle, dentro dele, minha vida sexual e o coito dos pais, que nunca fariam nada que ele já não soubesse, sua forma de não se sentir excluído

Aos poucos, percebeu que essas relações, que tinham, dentre outras funções, a de serem fora e acima do normal, terminavam por ser uma rotina e uma rotina chata. Descobriu-se aprisionado (imobilizado) porque só podia ser assim. Disse, novamente, que ia ter de amar porque era a única maneira de abrir e sair de onde estava.

Investia no lugar de sedutor e em relações perversas, mas precisava de alguém que passasse por tudo isso e resistisse a ele para libertá-lo. Tentava e buscava uma entrega, rompendo limites, como se isso rompesse também seus bloqueios e clivagem. Tentava fazer na cama, através de uma exploração, nos dois sentidos, do corpo e da sexualidade, o que não conseguia fazer afetivamente. Havia uma procura, infrutífera, de um contato e sensação de intimidade através da prática concreta do contato corporal. O vazio afetivo ou a dificuldade de uma comunicação verdadeira eram compensados precariamente pelo toque anatômico, uma vez que o corpo é mais “real” (concreto) e proporciona prazer e contato imediato, apesar da impossibilidade do toque afetivo. “Vou ter de amar mesmo, assim não dá, estou me sentindo preso”.

Ele sempre sentiu e sempre nos referimos ao controle que exercia sobre suas fantasias e sobre nossa relação. Até então, ele não deitara. Porque não sabia

se eu prestaria atenção nele, porque me perdia ao não me ver, porque se perdia de si mesmo ao me perder, porque era sua forma de retardar por mais tempo o contato com seu mundo interno.

Um dia, no fim de uma sessão, me disse: “O que você faria se aparecesse aqui um assassino, um homossexual ou alguém com mania de perseguição? Mandaria para a cadeia, como um perigo potencial para a sociedade ou mandaria internar no Pinel?”. Essas questões irromperam dentro dele, deixando-o surpreso consigo mesmo. Diz, então, que na próxima sessão vai deitar, porque ser meu amigo está atrapalhando.

Na sessão seguinte, voltou a vir armado com seu revólver (desaparecido há muito tempo). Deitou e deixou seu revólver virado para mim na poltrona em frente à minha. Ele chegou sorrindo e disposto porque ia deitar. Falou fluentemente sem mencionar o revólver, até que começou a contar a história de uma revista em quadrinhos que habitualmente lia. Nessa história, a heroína era uma mulher que sabia tudo e que tinha ido para uma ilha com um esquizofrênico que estava dando uma de Robinson Crusoe; havia, no entanto, um bandido que queria matar essa mulher porque ela sabia de seus segredos (lances de cocaína). O esquizofrênico disse ao bandido que não ia deixá-lo matar a mulher amiga que o vinha ajudando e o bandido matou o esquizofrênico por isso. Esse esquizofrênico teria dupla personalidade, dizia ele.

Falei do esquizofrênico e do bandido como partes suas, de seu desejo de deitar, de abrir-se e falar de segredos seus, de poder se desarmar comigo e sua ameaça de me matar por isso, referindo-me ao revólver. Ainda deitado, disse que não, que trouxe o revólver porque esqueceu, mas, quando levantou e viu a arma voltada para mim, tomou um susto, reconheceu que era uma situação muito agressiva e que não tinha percebido. Ficou muito surpreso com o que estava aparecendo e, na sessão seguinte, voltou dizendo que achou tudo muito violento, que não queria que eu morresse e que estava muito chocado.

Depois dessa sessão, não veio mais armado.

Em outra sessão, chega contando a situação de uma pessoa conhecida: uma mulher que apanhou do namorado. Estavam na casa dele, quando terminou a cocaína e ele ligou para o transeiro<sup>2</sup> pedindo mais. Ela disse que ia embora e, quando já estava no elevador, ele abriu a porta, puxou-a pelos cabelos e quebrou ela toda. Gritou com ela dizendo-lhe que não podia abandoná-lo,

---

2. Traficante, contrabandeador.

porque ele não ia deixar. Quando um ex-namorado soube do acontecido e foi tomar as dores dela, dizendo que ia falar com a polícia, ele lhe disse que ele não podia falar porque também era um cheirador. Mostro-lhe que o homem que não pode ser abandonado porque, se não, agride com fúria, é ele mesmo e que mais uma vez aparece uma mulher que tem de ser defendida deste bandido.

Em outra sessão, falávamos como ele precisava ser admirado por todo mundo como aquele que é o superforte e não quer perder essa imagem de si mesmo. Diz então: “Não quero perder nada. Posso ver o frágil, mas não quero perder o superforte. Acho que, no fundo, tenho medo do envelhecimento. Queria viver sem perder nada... sem ser enquadrado... Mas ao mesmo tempo quero ser enquadrado. Preciso poder ser um homem comum”.

Esses fragmentos são das primeiras sessões, em que ele começa a deitar, e ilustram o que lhe é mais importante e o que mais o angustia, isto é, a dependência, o abandono, a bissexualidade, a traição, as defesas que encontrou para lidar com isso e a intensa angústia e violência quando essas defesas falhavam. A partir do momento em que se deitou, todo material que trouxe estava ligado à violência com que tudo isso o atropelou, só que isso começou a poder ser representado e integrado.

Podemos ver que o revólver reapareceu, como da primeira vez em que veio armado, porque ele vai chegando mais perto, vai se desarmando, o que lhe parecia muito ameaçador. A relação com o poder onipotente e narcísico era reconhecida por ele mesmo como questão que tinha que ser resolvida porque o estava aprisionando: “preciso poder ser um homem comum”.

É evidente que ser um homem comum tem o sentido de estar submetido às contingências da vida, do envelhecimento e da morte, mas também queria dizer ser capaz de aceitar determinados fatos que tinha recusado violentamente dentro de si mesmo: seu pai morrera quando era criança e o segundo casamento da mãe viera interromper uma relação em que, durante muitos anos, se sentia único para ela. Enfim, ser apenas filho.

Antes, referi-me ao objeto transicional e ao fato de eu ser para ele um objeto real e concreto, que podia ser percebido apenas na razão de suas necessidades. Esse tipo de relação me pareceu fundamental para ele durante essa fase de construção inicial de um espaço psíquico e de passagem pela transicionalidade, mas permanecer aí era uma espécie de confinamento que impunha a mim e a si mesmo. Em outros termos, era permanecer na relação narcísica. É por isso que disse que ia ter de amar, e que precisava aceitar-se como homem comum. Na relação comigo, isso queria dizer aceitar-se como paciente, apenas, paciente

comum, para usar suas palavras. O que foi, um dia, motivo traumático de colapso narcísico, precisava ser aceito e metabolizado por ele como fato em sua vida.

Ajudada por ele mesmo, sua mulher arranhou um emprego que a ocupava, provisoriamente, dias e noites seguidas. Na relação com ela, conseguia viver seus sentimentos de rejeição, e os ciúmes e a inveja foram muito trabalhados. Na medida em que chegou mais perto desses sentimentos transferencialmente, disse que queria ir embora. Mostrei seu desejo de me manter aprisionada dentro dele, que estava evitando viver e elaborar esses sentimentos, uma repetição da solução infantil, mantendo-se, por sua vez, aprisionado a ela. Sentiu que me aprisionava e resolveu continuar dando início a uma nova fase. Ficar em análise era começar a renunciar ao lugar de único, preferido, especial. Aceitar esta passagem e iniciar essa nova fase analítica implicava nessa despedida.

Essa despedida é também um dos exercícios do analista, ser capaz de ser e ser capaz de deixar de ser o objeto da necessidade e do desejo.

### ***Building a psychological space: a clinical experience***

**ABSTRACT:** *This work addresses the theoretical and technical issues related to the vicissitudes of the constitution of psychic space, awakened by patients who have made neither a me-not me differentiation nor a barrier between Unconscious and Preconscious/Consciousness. They are, therefore, facing the threat of invasion by internal and external forces, by the absence of the object or by its excessive presence, being exposed to primitive anxieties, the threat of annihilation and identity confusion, in the permanent urgency to build or consolidate their own identity and alterity. This picture is presented in a clinical history evidencing the immense difficulty of experiencing a relationship, added to the fact that all this could only be faced and worked through a relationship. The work addresses borderline patients and the pathology of transitionality.*

**KEYWORDS:** *Paradox; limits; invasion; transicionality.*

### ***Construyendo un espacio psíquico: una experiencia clínica***

**RESUMEN:** *Este trabajo aborda las cuestiones teóricas y técnicas relacionadas con las vicisitudes de la constitución del espacio psíquico, despertadas por pacientes que no habían hecho la diferenciación entre Yo y No-Yo, y tampoco la barrera entre Inconsciente y Consciente/Preconsciente. Por lo tanto, cuando se encontraban frente a la invasión de fuerzas internas y externas, por la ausencia del objeto o su presencia excesiva, quedaban expuestos a angustias primitivas, amenazas de aniquilación y confusión identitaria, en la permanente urgencia de construir o consolidar su propia identidad y alteridad. Este cuadro se presenta en una historia clínica, mostrando la inmensa dificultad de vivir una relación, sumada al hecho de que todo*

*esto solo podría ser tratado y elaborado a través de la misma relación. El trabajo aborda los pacientes límite y la patología de la transicionalidad.*

**PALABRAS CLAVES:** *Paradojos; límites; invasión, transicionalidad.*

## Referências Bibliográficas

- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 14, pp. 115-144). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Green, A. (1990). *La folie privée*. Paris: NRE.
- Roussillon, R. (1999a). Traumatisme primaire, clivage et liaisons primaire non symboliques. In R. Roussillon, *Agonie, clivage et symbolisation* (pp. 9-34). Paris: PUF.
- Roussillon, R. (1999b). Intermède : héroïsme, masochismes. In R. Roussillon, *Agonie, clivage et symbolisation* (pp. 159-166). Paris: PUF.
- Roussillon, R. (1999c). *Paradoxes et situations limites de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed.

Recebido: 12/02/2021

Aceito: 07/06/2021

---

### Rosa Albé

Rua Visconde de Pirajá, 330/907 - Ipanema

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22420-003

(21) 2247 4938

(21) 975650792

rosaalbe@uol.com.br